A princeza na berlinda: Rattazzi a vol d'oiseau, com a biographia de sua Alteza

Urbano de Castro

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A princeza na berlinda: Rattazzi a vol d'oiseau, com a biographia de sua Alteza

Urbano de Castro

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

RATTAZZI A VOL D'OISEAU

URBANO DE CASTRO

CHA-RI-VA-RI

A PRINCEZA NA BERLINDA

RATTAZZI A VOL D'OISEAU

COM A BIOGRAPHIA DE SUA ALTEZA

(SEGUNDA EDIÇÃO)

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
7, Rua da Paz, 7
1880

A PRINCEZA NA BERLINDA

Não será talvez máo começar por fazer uma declaração:--nunca passei pelos beiços os guardanapos da princeza... Parece-me conveniente dizer isto. A _minha terra_, que era pequena no tempo de Garret, não me consta que tenha crescido, depois da sua morte... Tem até diminuido um pouco... talvez!

* * * * *

Foi pelos jantares que a princesa conseguiu tornar-se conhecida em Lisboa. Quando aqui chegou, vendo que ninguem a procurava, que a litteratura não corria pressurosa ao _Bragança_, cumulando-a de elogios banaes e de bilhetes de visita baratos, sentio dentro da sua alma a mordedura cruel do amor proprio offendido. E amor proprio de mulher, amor proprio de princeza! Calculem que dentada! Esperou, um, dois, tres dias... uma semana, outra... a litteratura não apparecia!--Pois ha de apparecer! exclamou ella--E convidou-a para jantar. E a litteratura appareceu. Os livros da princeza, que até então ninguem conhecia em Lisboa, e que ella mandara adiante para os livreiros, como batedores da sua fama, começaram por essa epoca a ter uma tal ou qual extracção. Não é difficil advinhar quem os comprava--eram os convivas dos seus jantares--Comprehende-se. Realmente seria pouca amabilidade comer o _foie gras_ de Rattazzi, e não dizer ao menos, no fim, que era admiravel o seu livro _Si j'etais reine_; beber o champagne da princeza, e não lhe segredar que nunca mulher nenhuma escrevera um volume como _Nice la Belle_. E a proposito dos livros citavam-se os trechos das paginas abertas, abril-os seria muito, e bebia-se mais um copo. A princeza, que é inquestionavelmente uma mulher d'espirito, percebeu, o que de resto não era muito difficil, a _manobra fraudulenta_, como diz o sr. Duc nos livros de mortalhas, dos litteratos de Lisboa...

Callou-se porém muito bem callada e continuou a dar-lhes jantares hebdomadarios. A concorrencia cada vez era maior. Houve sujeito que se fez litterato, só para jantar com a princeza. Cá fóra, no Martinho e na Havanesa, esses jantares eram digeridos e commentados com a face vermelha e a palavra quente... Contavam-se anecdotas, que é deveras pena não terem chegado aos ouvidos da princeza, porque, algumas d'ellas não são em nada inferiores a muitas que lêmos no seu livro...

E aqui está como madame Rattazzi conseguiu durante um mez ser uma notabilidade em Lisboa. Sua altesa, porém, em vez de contentar-se com esta gloria, embora de 2.ª ordem, lembrou-se um dia de querer uma gloria de 1.ª sorte, e escreveu uma comedia que, depois de muito applaudida em sua casa pelos seus commensaes, foi representada no theatro dos Recreios, a quem ella, com carradas de rasão chama um calvario, visto que lá teve... a cruz da pateada...

Tambem que diabo de publico este de Lisboa... atrever-se a patear uma princeza... Se sua alteza tem a mania dos cumulos,--e porque não a terá?--sim, porque não terá sua alteza a mania dos cumulos, se a tem, é impossivel que pelo seu preclaro espirito não tivesse passado este--o cumulo da selvageria:--_Patear uma princeza_...

Ah! decididamente sua alteza não estava em sorte... _Pas de chance_! No hotel os convivas faziam muito mais despeza de iguarias do que de elogios; nos Recreios, o publico muita mais despeza de botas do que de luvas... _Pas de chance_!

* * * * *

Foi então, naturalmente, que o seu espirito se orientou na direcção a dar ao _Portugal à vol d'oiseau_.

--Ah! os senhores julgam que não é mais do que comerem-me os meus jantares, do que patearem-me as minhas peças, esperem ahi que já os ensino! Até aqui tenho-os recebido como convivas, agora vou passar a tratal-os como assumptos! Os senhores pensam, quando estão á minha mesa, que são meus commensaes?--pois enganam-se, são paginas para o meu livro! Não sou eu quem os obsequeio aos senhores, os senhores é que me obsequeiam. Escusam de dizer «muito obrigado!» eu é que tenho que dizer-lhes «_merci_»!

E escreveu _Le Portugal à vol d'oiseau_.

* * * * *

Lisboa já sabe pouco mais ou menos o que o livro é. Os jornaes tem dado excellentes amostras d'aquella famosa peça...

Porque não havemos nós de dar tambem algumas? Estes dois perfis da nossa nobreza, por exemplo...

Venha primeiro o conde de ***

«--O conde *** um dos meus valsistas, e um valsista encantador, entre parenthesis, não é menos notavel. De muito antiga e nobre familia, é verdadeiramente um dos typos mais salientes de Lisboa. Orça pelos cincoenta, mas não obstante apparenta um grande ar de mocidade. Baixinho, apurado, e elegante, ha em toda a sua pessoa uma excessiva vivacidade. Esta vivacidade será natural ou o resultado d'um estudo paciente para parecer ainda mais novo?

Talvez que sim a avaliar a sua petulancia pelo mais. Os bigodes do conde de *** são mais negros do que o ebano.

Mas isto não é nada comparado ao craneo do encantador conde; o

proprietario d'este craneo conserva n'elle alguns cabellos, raros, semeados aqui e ali, tratados com zelosos cuidados, e que puchados artisticamente para a testa, ahi occupam o maximo espaço possivel para assim substituirem os ausentes. Para suprir os defuntos põe no cucuruto uma especie de pequeno crescente--não, eu nunca ousaria dizer chinó fallando de tão perfeito cavalheiro--que se confunde graciosamente com os cabellos: depois cobre tudo isto com uma espessa camada de pez e summo de alcaçuz de que faz uma pomada a fogo lento; por fim o seu creado de quarto, confidente d'esta excentricidade, traça no meio d'esta pasta de _raisiné breton_, uma risca d'uma delicadeza, d'uma puresa, d'uma nitidez a causar inveja a uma rapariga de quinze annos. Quando a cataplasma está secca, o conde póde apparecer no meio dos seus concidadãos. Todos conhecem o mysterio d'aquella cabeça e ha delirios de alegria quando o excellente homem é obrigado, em pleno sol ou em pleno baile, a andar de chapeu na mão, porque o calor tendo acção dissolvente sobre aquella untura, resulta d'ahi começar ella a mover-se, a palpitar, a derreter-se, acabando por escorrer pelo pescoço e pelo nariz do seu proprietario.

Não obstante o conde de *** é um grande conquistador, um namorador que não perde occasião de deitar a sua olhadella, sendo porém capaz de praticar heroismos, como o demonstram varias circumstancias da sua vida.

Conta-se este facto digno dos melhores tempos da monarchia. O conde era camarista da infanta D. Izabel, que morreu ha annos, em avançada edade, no seu palacio de Bemfica nos arrebaldes de Lisboa. Sendo os principes da familia real depositados na egreja de S. Vicente, situada n'um dos extremos da cidade opposto a Bemfica, o

cortejo funebre teve de percorrer duas leguas, a passo, em pleno mez de julho.

O conde devia seguir a cavallo, uniformisado e de cabeça descoberta, o corpo da sua real ama, debaixo d'um sol torrido, o que elle fez magnanimamente, sem trepidar, entregando aos abrasadores raios de Phebo a sua untura quotidiana--facil presa--sem temer a troça dos graciosos que, no dia seguinte, alludindo á liquefação do cosmetico, diziam por toda a parte que ninguem figurara no cortejo com o rosto mais tristemente cheio de luto do que o infeliz conde de ***.»

Igual a isto só aquella celebre caricatura do _Antonio Maria_... «_Dá-lhe cuspo_...»

* * * * *

Agora o marquez de V. ***

* * * * *

--«Como exemplo não, quero citar senão um dos meus amigos o marquez de V. ***. Vale bem a pena. É uma personalidade, uma celebridade, uma curiosidade de primeira ordem. Em vão lhe procurariam rival na galeria do duque de Saint-Simon, e ainda menos na collecção tão rica de Moliére. Em certas festas de gala ou de representação exterior, o marquez de V. *** julga-se obrigado a seguir as carruagens da côrte na sua equipagem, e é esta equipagem que faz do nobre marquez uma curiosidade unica do mundo.

Imagine-se um coche do seculo passado, envidraçado de modo a ver-se todo o interior, montado sobre molas e rodas que fazem pensar nas machinas de _Leviathan_, tudo isto pintado de verde, cheio de dourados em alto e baixo relevo. No meio d'esta caixa throno, o

marquez de V. *** só, de cabeça descoberta, com o grande uniforme d'uma ordem qualquer, com os olhos fitos na sua frente, parecendo contemplar em extase as abas da libré do seu cocheiro, não voltando a cabeça nunca, nem para a direita nem para a esquerda: dir-se-hia uma estatua e não um homem.

A carruagem é atrelada a quatro cavallos, montados por dois postilhões e guiados por um cocheiro gorducho sentado n'uma almofada que parece um divan. Na taboa da carruagem dois enormes lacaios em pé. Todo este pessoal vem empoado e veste uma libré verde claro que deslumbra a vista e faz piscar os olhos. Não se póde imaginar nada mais original. Quando a cerimonia terminou e a parte official do programma está cumprida, o marquez faz gravemente o giro das principaes ruas e praças de Lisboa para se fazer admirar. Em Paris entraria em casa corrido a batatas cozidas. Aqui deixam-o em paz--_é costume_.

Se eu fosse rei de Portugal prohibia a este fidalgo, sob as mais graves penas, de me fazer assim cortejo com a sua entrudada, mas, com isso, arriscaria talvez a minha corôa.

É de justiça acrescentar que o marquez de V. é um homem instruido. Que seria, Deus meu, se o não fosse!»

Realmente está parecido... O _Antonio Maria_ não o faz melhor...

* * * * *

Depois d'estes perfis hilariantes como o protoxido de azote, tenha o leitor a paciencia de me acompanhar ao capitulo em que sua altesa nos dá a honra de fallar dos nossos enterros.

Dêmos a palavra á princeza:

«É realmente coisa curiosa que acompanhando o pae os filhos ao cemiterio, estes não acompanhem os paes: não é costume. Deixa-se este cuidado aos parentes mais affastados ou aos amigos. Porquê? Não m'o poderam explicar: acho porém esquisito.»

Está no seu direito. Foi porém mal informada. Os paes tambem não acompanham os filhos. Quanto a achar o caso estranho não tem de quê. O facto de em França os parentes mais proximos acompanharem os cadaveres dos seus defunctos não prova nada, senão que até na morte é verdadeiro o dictado:--_Cada terra com seu uso_... O que é deveras esquisito, é querer sua altesa que os costumes sejam os mesmos em todos os paizes. Para quem se propõe escrever livros de viagem, não póde haver ponto de vista mais ridiculo nem mais acanhado.

Continua a auctora:--«Quando uma pessoa morre, a familia não envia cartas de participação. Faz um annuncio nos jornaes, e está tudo prompto, visto que o dito annuncio termina invariavelmente por este _cliché_: _Não se fazem convites especiaes attendendo ao estado de consternação indizivel em que a familia está_...

Comprehendo muito bem que a familia esteja n'um estado de consternação indizivel: entretanto, visto que esta consternação lhe permitte fazer annuncios nos jornaes, parece-me que, com um pequeno esforço, lhe permittiria tambem enviar cartas de participação impressas a casa de cada um, como se faz nos outros paizes.

Resulta com effeito d'este costume que, se não se lerem os jornaes, ou antes os annuncios dos jornaes, póde muito bem acontecer deixar uma pessoa de acompanhar ao cemiterio o seu tio, primo, ou o seu melhor amigo.»

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com